

RESISTÊNCIA E IDENTIDADE

Uma leitura do profeta Abdias

Luiz Alexandre Solano Rossi

Abdias é o menor escrito profético do Antigo Testamento. Sua poesia é marcada por imagens vivas que podem ser encontradas em outros livros proféticos. Entre elas podemos destacar: a) o contraste entre o orgulho e humilhação nos versos 2-4 utiliza idéias encontradas também em Isaías 2 e no poema sobre a destruição de Tiro em Ezequiel 28; b) estar “entre as estrelas” no verso 4 pode fazer eco ao tema mitológico da queda da estrela da luz (cfe Isaías 14.12-14); c) a inevitabilidade do julgamento divino nos versos 3-4 sugere uma comparação com o Sl 139,7-12; d) o tema do Dia de Javé é especialmente utilizado em Am 5,18-20; Is 2,12-22 e Sf 1; e) a traição de amigos (v. 7, 10, 12-14) é tema de Am 1,11 (cf. Sl 41,9 e Jó 6,14-35); f) o tema do fogo no verso 18 pode ser comparado a Is 10,17-19, finalmente g) o tema da herança e da desapropriação (v. 17 e 19-21) pode ser encontrado em Nm 24,18-25 e freqüentemente no Deuteronômio (cf. 2,12). Nosso profeta escreve baseado numa rica herança de linguagem e de imagem poética. A ênfase que é dada sobre Edom é muito clara através de todo o livro. A maior parte é um oráculo (ou oráculos) sobre Edom como uma nação estrangeira, tal como encontramos em tantos outros livros proféticos, na maioria deles como parte de uma coleção de oráculos contra as nações. O surgimento de oráculos às nações estrangeiras ao lado de uma mensagem de julgamento geral indicando a salvação de Israel é também muito familiar (veja Sf 3; Is 24-27 e Jr 25).

A ênfase que é dada sobre Edom é muito clara através de todo o livro. A maior parte é um oráculo (ou oráculos) sobre Edom como uma nação estrangeira, tal como encontramos em tantos outros livros proféticos, na maioria deles como parte de uma coleção de oráculos contra as nações. O surgimento de oráculos às nações estrangeiras ao lado de uma mensagem de julgamento geral indicando a salvação de Israel é também muito familiar (veja Sf 3; Is 24-27 e Jr 25).

Parece que o profeta Abdias é marcado por um forte sentimento nacionalista. Mas não é para menos. Ele escreve a partir de uma situação toda particular. O cenário que ele tem diante de seus olhos é cheio de terror. As cores desse cenário são as mais sombrias possíveis e entrecortadas de sangue. Seu nacionalismo é fruto da situação de tragédia e dor. Por isso, é importante trazer à mente a situação de Judá, a partir de 587 aC, para explicar esse sentimento de amargo rancor e ressentimento que está presente nas palavras de Abdias.

1. A triste realidade percebida por Abdias

O rei da Babilônia, Nabucodonosor, reagiu de forma bastante indulgente ao reprimir a primeira revolta do povo de Deus em 597 aC. Depois da rendição de Jerusa-

lém, Joaquin, que estava reinando sobre Judá, foi levado cativo para o exílio em Babilônia. Acompanhando o rei foi um grande grupo de oficiais do governo. Apesar dessa primeira tentativa de revolta, a monarquia e o reino de Judá tinham permissão de continuar sob a administração de Sedecias, filho de Josias e tio de Joaquin. No entanto, elementos nacionalistas infiltrados nos círculos governamentais entenderam mal essa atitude condescendente dos babilônios e articularam uma nova e segunda revolta. Contudo, dessa vez não houve uma reprise da condescendência. Não havia espaço para compaixão. Depois de rompida as muralhas de Jerusalém, a cidade foi conquistada em 587 aC e o exército babilônico teve permissão de saquear a cidade. Poucas semanas depois, Nabucodonosor ordenou que a cidade fosse destruída. Dessa forma, o templo de Salomão, o palácio real e os principais bairros residenciais foram incendiados e os muros da cidade demolidos. Repare no texto abaixo:

“No dia sete do quinto mês, correspondendo ao ano dezenove de Nabucodonosor, rei de Babilônia, Nabuzardã, chefe da guarda e oficial do rei da Babilônia, chegou a Jerusalém. Ele pôs fogo no templo de Javé, no palácio real e em todas as casas de Jerusalém, e incendiou todas as mansões. Ao mesmo tempo, o exército caldeu, que acompanhava Nabuzardã, chefe da guarda, destruiu as muralhas que rodeavam Jerusalém” (2Rs 25,8-10).

A população, inicialmente, ficou dizimada. Muitos morreram nos combates ou foram presos para serem executados posteriormente. Um grande número deve ter morrido de doença ou de fome. Muitos outros simplesmente fugiram do país. Para se ter uma idéia do que estava ocorrendo basta perceber que uma primeira deportação, envolvendo a nobreza (rei Joaquin) e líderes, já havia acontecido em 597. Em 587, Nabucodonosor forçou um segundo grupo da classe alta a exilar-se em Babilônia. E uma terceira deportação aconteceu em 582 aC. Levando em consideração as informações apresentadas em 2Rs 24 e em Jr 52, chegamos a um número elevado de mais de vinte mil exilados entre as três deportações.

Ao que parece o profeta Abdias não faz parte dos exilados. É, na verdade, um dos muitos que ficaram na terra. Pode-se perceber, então, que o profeta fala a partir de sua própria observação. Não registra os fatos de “ouvir falar”. Ao contrário, está presente no interior da população que permaneceu na Palestina, após a deportação. Não, Abdias não teoriza e muito menos faz abstrações acerca da situação dolorosa que vive o seu povo. Não, suas palavras estão encravadas na paisagem de dor e destruição que ele mesmo e os seus irmãos viveram.

Abdias está remoendo o tradicional desentendimento entre israelitas e edomitas. Muitos textos lembram esse caso exemplar de desentendimento levado às últimas conseqüências. Cito apenas dois deles para estar diante de nossos olhos, os demais você pode conferir em sua Bíblia: Nm 20,18; 2Sm 8,13; 2Rs 3,20-22; Am 1,11-12; Jr 49,7-22; Ez 25,12-14,35; Lm 4,21-22; Sl 137.

Os edomitas estão exultantes com a queda de Jerusalém. Inclusive se aproveitam da calamidade para ocupar lentamente o sul de Judá. Eles estenderam seu território até Hebron. O profeta Ezequiel há de fustigar essa apropriação (cfe. 36,5). Todavia, Abdias

diz a tempo que eles não têm motivos para tripudiar, pois, afinal, Deus é justo. E, por causa da justiça de Deus, Judá será restaurada, cabendo um destino contrário a Edom: o aniquilamento. Talvez o profeta Abdias estivesse querendo expressar uma idéia muito popular já disseminada pelos quatro cantos: um dia é do caçador, mas o outro é da caça.

A expectativa de uma justa retribuição, claramente percebida no verso 15, está presente em todos os oráculos. Essa expectativa vem associada à idéia do Dia de Javé enquanto dia de julgamento para as nações. Nesse julgamento Edom terá a sorte que merece. Mas também percebe-se uma promessa acrescentada no final, segundo a qual o povo irmão Judá-Israel, vencido com a colaboração de Edom, ressurgirá. Pode-se pensar que o livro poderia ser inserido numa moldura escatológica onde se constata anúncios de calamidades para uma outra nação e, evidentemente, uma promessa em favor do próprio povo.

Uma questão parece evidente no texto profético: um território perdido é mais fácil de se recuperar do que o espírito de luta e a confiança no propósito e suas chances de resistência. Mais que qualquer outra coisa, é esse segundo acontecimento que causa malefícios no destino da economia moral.

2. Uma visão de julgamento

“Visão de Abdias. Assim o Senhor Javé diz a Edom: Ouvimos uma mensagem de Javé; ele mandou um mensageiro dizer às nações: Levantem-se! Vamos combater contra ela” (1,1).

A primeira frase do livro é “Visão de Abdias”. Uma expressão também utilizada em Is 1,1 e Na 1,1 (e também em outros lugares). Essa expressão é usado no sentido de uma “mensagem profética” e não de uma forma estreita que pudesse designar algo como uma “experiência visionária”.

A segunda expressão “Assim diz o Senhor Javé a respeito de Edom” cobre um sentido muito maior do que se segue, pois o conteúdo do livro não está restrito a essa oração como poderia sugerir.

A visão estabelece o alvo do combate, Edom. As nações são convocadas para se colocarem em posição de combate. Edom está sendo julgado porque deixou de ser solidário. Para Abdias a violência maior não está localizada nos atos assassinos dos exércitos da babilônia, mas sim no povo-irmão que age como um povo-inimigo. Que atos violentos possam vir de povos-estranhos está no limite do aceitável. Não se pode esperar solidariedade de Impérios em expansão e com desejos intensos de dominação. Mas, e a solidariedade entre os pequenos? Entre os irmãos? Os olhos de Abdias estão voltados para essa situação: Edom deixa de agir graciosamente e assume gestos agressivos. Rompe com a fraternidade. Diz um não categórico aos atos de solidariedade.

Estamos, portanto, num ambiente de dor intensa e aguda. Judá está passando por um período de pilhagem e de destruição. Ela é alvo da ação imperialista dos exércitos babilônios. Nessa situação em que a dor se faz mais forte do que nunca é que percebe-

mos o profeta Abdias abrindo nossos olhos a fim de notarmos algo de extrema importância: a violência vem acompanhada de falta de solidariedade. Edom. O povo-irmão, recusa-se a viver em solidariedade. Dá as costas a Judá e as mãos aos inimigos (babilônios). Mas, pode o irmão virar as costas para um outro irmão, principalmente em situação de sofrimento e de luta?

Edom escolheu muito mal. Resolveu se “dar bem” com a desgraça de Judá. Esqueceu que os homens se humanizam através de atos de solidariedade e acabou por se desumanizar.

3. A pretensão de ser forte

“Faço de você a menor das nações, e será entre todas a desprezada. Quem acabou com você foi a soberba do seu próprio coração! Você se esconde nas cavernas dos rochedos e se põe de tocaia nas alturas das montanhas, pensando que ninguém será capaz de fazê-la descer à planície. Entretanto, mesmo que você voe como águia, ou faça seu ninho entre as estrelas, eu a farei descer de onde você estiver – oráculo de Javé” (versos 2-4).

Edom se apresenta como que todo-poderoso. Um povo inexpugnável em razão de sua localização geográfica. É de fato uma situação privilegiada do ponto de vista militar. Está incrustado em zona montanhosa e escarpada e é ainda cortada por vales estreitos e profundos. Enfim, é um território de difícil manobra militar e suas fortalezas são, praticamente, inacessíveis. Daí que é um passo para a arrogância: “quem é que pode me derrubar?” Parece que a aparência do poder acaba por provocar um excesso de confiança. Esse também é o caso da conquista da cidade de Jerusalém por Davi. A história está registrada em 2Sm 5,6-7. Na oportunidade, Davi estava com seu exército particular diante da cidade de Jerusalém que na época era ocupada pelos jebuseus. Os jebuseus diante da ameaça real de Davi simplesmente ignoram-na em razão da localização geográfica da cidade. Eles até mesmo ironizam a situação: estamos tão bem localizados que bastam alguns aleijados para defender a nossa cidade. Contudo, é melhor deixar o texto de 2Sm contar como a história aconteceu: “Davi marchou então com os seus homens sobre Jerusalém, contra os jebuseus que habitavam o território. Os jebuseus disseram a Davi: “Não entre aqui, porque bastam os cegos e aleijados para o repelir”. Era a maneira de dizer que Davi não entraria na cidade. Mas Davi conquistou a fortaleza de Sião, que ficou sendo a cidade de Davi” (versos 6-7). São fracos mas agem como se fossem fortes. São poucos mas agem como se fossem muitos. Pura ilusão! No entanto, diante da força demonstrada por Edom o profeta contrapõe o poder de Javé: ainda que Edom esteja colocado em cumes só acessíveis às aves de rapina (imagem da águia), e ainda que voasse além da esfera terrestre e alcançasse a esfera celeste junto às estrelas – ainda assim o poder de Deus lá o alcançaria e faria e sua justiça. Para o profeta Abdias é o próprio Javé o autor e consumidor do julgamento. E ainda que a violência de Edom seja sustentada e legitimada através de localizações pretensamente inexpugnáveis tal segurança não será suficiente diante do poder julgador de Javé.

Ao se aliarem àqueles que controlavam de fato o poder político e militar da época – os Babilônios – iniciam um processo de construir uma imagem de povo forte que, na verdade, não possuía relação com eles. Espelhavam-se na Babilônia: quem sabe não poderemos chegar ao topo da conquista militar algum dia... E assim, à imagem e semelhança da Babilônia, Edom construía um “castelo nas nuvens”.

“Quando os ladrões ou assaltantes da noite vêm até você, eles não roubam apenas o suficiente? E os que colhem, não deixam alguns cachos? Como Esaú foi devastado! Até seus esconderijos foram revistados! Os aliados empurraram você até a fronteira, os amigos o enganaram e submeteram; aqueles que comem junto com você, lhe armaram ciladas: “Ele perdeu o juízo!” (versos 5-7).

Ainda é Javé que está falando. Sua intenção é explicar a execução do julgamento e as suas possíveis conseqüências. Para tanto, usa-se a figura dos ladrões e assaltantes. Contudo, essa figura é utilizada de dois modos contrastantes. O objetivo é o de reforçar o caráter destrutivo do julgamento de Javé. A idéia parece bastante clara: os ladrões ou assaltantes dependem de fatores externos a eles mesmos para a execução de seus atos macabros, ou seja, do tempo e do elemento surpresa. Nesse sentido, a capacidade de roubo do ladrão está limitada à escassez ou não do tempo. Por isso, conseguem levar apenas uma quantidade limitada do produto saqueado. Os vindimadores têm instruções de deixar cachos de uvas (leia Lv 19,9-10). Devemos lembrar na legislação do povo de Deus os israelitas eram proibidos de fazer uma colheita completa. O produto que caísse durante a colheita deveria ficar sobre o chão para que os pobres pudessem pegá-los posteriormente. Era uma provisão deixada para os empobrecidos economicamente (Dt 24,21). Mas o contraste reside justamente nesse aspecto. Em relação a Edom não vai existir o elemento tempo ou surpresa que delimita a ação do assaltante nem ainda o ato de não pegar a “espiga de milho” que caiu no chão a fim de favorecer a provisão do pobre. Não, em relação aos edomitas não vai existir nem a possibilidade de se deixar uma provisão. A destruição será pior do que a devastação realizada pelos ladrões ou assaltantes, ou os vindimadores, porque esses deixam algo para os pobres. A destruição será completa. A expressão do profeta não poderia ser outra. É movido a exclamar pareneticamente: “Como Esaú foi devastado” (v. 5).

4. O Porque das desgraças: a violência

“E não é que nesse dia – oráculo de Javé – eu vou acabar com os sábios de Edom, com a inteligência da montanha de Esaú? Seus heróis, ó Temã, se acovardarão, de tal modo que todo homem será eliminado da montanha de Esaú. Por causa do morticínio e da violência praticada contra seu irmão Jacó, a vergonha cobrirá você, e você será eliminado para sempre” (v. 8-10).

Parece que a ação de Javé se torna mais radical e definitiva após essa introdução de caráter temporal. Os implicados nessa ação direta de Javé são bem localizados: são os sábios e os guerreiros. Esses serão destruídos. A sabedoria era uma atividade proverbial não exclusiva dos edomitas (veja Jó 1,1 e 1Rs 5,10), mas eles eram evidentemente reconhecidos como sábios (“Contra Edom. Assim diz Javé dos exércitos. Será

que não existe mas sabedoria em Temã, será que desapareceu o conselho dos homens prudentes e jogaram fora a sabedoria? “ Jr 49,7). Sabedoria e coragem militar não são utilizadas para a construção da solidariedade entre os pequenos. Na verdade, um dos pequenos deseja colocar sua sabedoria e coragem militar a favor do Império. É no conselho dos grandes que se acha a destruição dos pequenos! A mensagem contra Edom era em parte uma condenação de sua sabedoria (v. 8) e orgulho (v. 3). De certa forma, a mensagem profética é sempre um julgamento sobre a sabedoria puramente humana. Não podemos nos esquecer das palavras do Novo Testamento: “a loucura de Deus é mais sábia do que os homens” (1Cor 1,25) e “a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus” (1Cor 3,19).

A violência e o morticínio são as causas das desgraças que se abatem sobre Edom. A vergonha é a consciência da culpa como também da derrota merecida. E essa derrota será perpétua. Edom jamais retornará a refazer-se como uma nação poderosa. Ao falar da violência o “nome de Jacó” (v. 10) vem à mente do escritor bíblico. Usa-o com o objetivo de lembrar a relação entre as duas nações descendentes de Esaú e Jacó. Uma rivalidade que tem se manifestado ao longo do tempo através de atos de hostilidade e de vingança.

5. Dormindo com o Inimigo

“Nesse dia, você estava presente: quando os estrangeiros derrotaram os exércitos de Judá, quando os inimigos foram entrando pelas portas e repartiram Jerusalém no sorteio. Você estava presente, como um deles” (v. 11).

Provavelmente estamos diante da descrição da queda de Jerusalém. Momentos vívidos em que se recorda o incêndio, o morticínio, o saque e a deportação dos habitantes de Jerusalém. Os edomitas, em lugar de proporcionar asilo aos fugitivos, denunciaram-nos e os entregaram aos exércitos da babilônia bem como participaram da partilha de bens e de pessoas (Sl 137,7; Ez 25,12; Lm 4,21).

O v. 11 é extremamente enfático nos valores invertidos que estão acontecendo. A ênfase surge a partir das palavras

estrangeiros ----- irmãos

inimigos----- (era) como um deles

Ou seja, no dia do aniquilamento de Judá pelas forças da Babilônia, Edom estava bem presente. Via tudo e, possivelmente, participava de tudo. Usufruída da desgraça que se abatia sobre um povo-irmão. Mas, na verdade, já não era irmão mas um estranho, um bárbaro. Estava entre eles, mas não era deles. Ao invés de irmão aparecia como um contra-irmão. O texto é muito claro e reforça a idéia por duas vezes no início e no final do verso: “Nesse dia, *você estava presente...*” e “*Você estava presente, como um deles*”. Reforça a idéia da presença do povo-irmão que se mimetiza na figura do inimigo.

6. A Teologia do Não

“Não olhe com alegria para o dia do seu irmão, o dia da desgraça dele. Não se alegre às custas dos filhos de Judá, no dia da ruína deles. Não fale com insolência, no dia da humilhação deles. Não entre pela porta do meu povo, no dia da sua infelicidade. Não desfrute você também da desgraça dele, no dia do sua ruína. Não ponha a mão nas riquezas dele, no dia da sua derrota. Não se esconda nas esquinas, para matar os fugitivos. Não aprisione seus fugitivos, no dia do desespero” (v. 12-14).

Esses versos apresentam de forma esquemática as normas que vigoravam entre as nações irmãs bem como as normas de direito internacional que estavam sendo quebradas por Edom. Esse tipo de proibição encontra-se na lei e no provérbio ou refrão: “Não fique alegre quando seu inimigo cai, e não festeje quando ele tropeça” (Pr 24,17). Esse mesmo estilo de séries também pode ser encontrado na legislação como também em páginas sapienciais do Eclesiástico (veja os capítulos 7-9). A sucessão de crueldades de Edom é conduzida pela repetição de construções e métricas similares e da palavra “no dia” com sinônimo de infortúnio. Os verbos são todos proibições. O profeta fala como se o ataque a Jerusalém estivesse acontecendo e adverte os edomitas contra o ultraje que eles realizaram.

Certamente que os babilônios não estavam bem informados sobre os pontos fracos de Judá. Nesse sentido os edomitas poderiam prestar um grande serviço estratégico à babilônia. Dessa forma, os edomitas participaram ativamente na destruição de seus próprios irmãos.

O autor parece contrapor o estado de calamidade de Judá e o de aproveitamento da situação por parte de Edom. Os crimes são enunciados em escala ascendente. Mostram, de forma enfática, que o crime que vem logo a seguir sobrepuja, em horror e requinte, o crime anterior. Esquemáticamente, temos a seguinte situação:

<u>situação de Judá</u>	<u>situação de Edom</u>
desgraça	alegria
ruína	alegria
humilhação	palavras de insolência
infelicidade	invasão das casas
ruína	pilhagem
derrota	pilhagem
fugitivos	assassinos
fugitivos	aprisador/escravizador

Os crimes de invasão são novamente mencionados com o objetivo de dar ênfase. Os edomitas não deveriam ter participação nos mesmos. Não foram eles os iniciadores

da guerra contra Judá, contudo ao prestarem ajuda à Babilônia, tornaram-se co-participantes dos mesmos.

É no tempo da calamidade e da desgraça que se manifesta o tempo ideal para o exercício da compaixão, da simpatia e da solidariedade. Muito mais se os atingidos pela desgraça forem irmãos. Mas não é nada disso que observamos em relação a Edom. Ao contrário, temos justamente o aumento da miséria e da dor.

“Não se escondas nas esquinas” os edomitas ficavam à espreita nas esquinas e encruzilhadas das estradas aprisionando os judeus que fugiam do cerco babilônico. E ao capturá-los, entregava-os nas mãos dos babilônios para serem escravizados ou mesmo mortos. Muito provavelmente como nação vizinha de Judá eles conheciam muito mais as estradas do que o exército invasor.

7. A Solidariedade de Javé pelo que violentados, resistem!

“Pois o Dia de Javé está chegando para todas as nações. Como você fez aos outros, assim será feito a você. Os atos que você praticou, cairão sobre a sua cabeça. Como vocês beberam na minha montanha santa, assim também, por sua vez, beberão todas as nações. Vão beber e sorver até o último gole, e vão desaparecer como se nunca tivessem existido” (v. 15-16).

Abdias ataca com extremo vigor a traição dos edomitas. Mas ele sabe que essa não é a última palavra de Javé – único senhor da história – e apela para o seu dia, no qual, castigado o crime de Edom, os sobreviventes recuperarão suas terras. Pode-se perceber que essa mensagem se apóia na certeza de que a realeza pertence a Javé (cf. v. 21).

No verso 15 temos uma referência a “todas as nações” e depois um afunilamento até Edom. O assunto principal continua sendo a vingança. É como se o autor bíblico dissesse: “Quem se alimenta com ódio também respira diariamente a vingança”. Um espiral de vingança e violência que parece não ter fim. Num período posterior à queda de Jerusalém os judeus alimentavam um verdadeiro ódio aos babilônios como também uma crença de que rapidamente Deus os libertaria do cativeiro. O profeta Jeremias escreve uma carta para eles estimulando a ficar na terra do cativeiro, a construir casa e a ter filhos. Mas foi tido como derrotista. Para os que estavam no cativeiro aquela era a hora mais apropriada de respirar vingança. Mas enquanto eles conservaram esse sentimento houve ainda mais sofrimento. Não é difícil constatar que a vingança atrapalha a vidas das pessoas e destroem-nas por dentro. É um cativeiro pior que o da Babilônia. Acabam perdendo não só o contato com a antiga e amada terra, mas também perdem a criatividade e a descoberta de novas formas de se adaptar uma situação da qual não se pode escapar.

Talvez a mensagem que surge do contraste entre esses dois povos irmãos seja a incapacidade para esquecer erros antigos. Quando os olhos teimam em se fixar no passado (principalmente nos erros do passado), surge uma espiral de violência e de ódio que gera, por sua vez, mais violência e ódio e que se acaba por se alegrar na desgraça do outro.

“No monte Sião haverá sobreviventes. Eles serão santificados. E a casa de Jacó se tornará proprietária de seus antigos proprietários. A casa de Jacó será o fogo, a casa de José será a labareda, e a casa de Esaú será a palha. Vão incendiar e acabar com ela. Não vai sobrar ninguém da casa de Esaú, porque assim diz Javé” (v. 17-18).

O v. 17 é uma das várias portas que se abre para relatar uma promessa valiosíssima: Javé é solidário. Essa promessa de restauração, que está desenvolvida nos v. 19-21, resume-se aqui na segurança de que Javé não se desligou de seu povo. É presença certa e libertadora. É fiel a seu povo e, diferentemente de Edom, não muda de lado.

A segunda porta que podemos perceber é o da esperança de reunificação política do povo. A “casa de Jacó” que representa as tribos do reino de Judá e a “casa de José” que representa as tribos do reino de Israel juntas, serão vencedoras sobre Edom, que deixará de existir. É a vitória do “fogo” (Jacó) e da “labareda” (José) sobre a “palha” (edom).

8. Emergindo da ruína

“Os moradores do Negueb serão donos da montanha de Esaú, e os da planície serão donos da filistéia. Ocuparão o território de Efraim e da Samaria; Benjamim ocupará o território de Galaad. Os exilados da casa de Israel ocuparão o que pertenceu aos cananeus até Sarepta; os exilados de Jerusalém, que estão em Safarad, vão ocupar as cidades do Negueb. Vitoriosos, eles subirão a montanha de Sião, para daí governar a montanha de Esaú. E o reino pertencerá a Javé” (v. 19-21).

Aqui há esperança e restauração após a calamidade. A completa restauração do povo de Deus está registrada pela especificação de sua expansão para os quatro pontos cardeais.

Mais ainda, se observarmos a falta de solidariedade e ruína nos versos antecedentes, agora, em contraste, visualiza-se a superação do caos. Nesse sentido, podemos dizer que Abdias vai do particular ao geral, do juízo de Edom ao juízo universal, da restauração do povo de Deus ao estabelecimento do reino de Deus (cf. Sl 96 e 98).

Contudo, devemos lembrar que resistência e identidade são construídas a partir da contradição. Em meio ao conflito nascem os fundamentos que podem construir um povo. Com efeito, devemos estar atentos, pois o conflito também pode desencadear a busca pela sobrevivência a qualquer custo. Finalizo com a descrição de Baumann:

Os outros são, em primeiro lugar e acima de tudo, competidores, tramando como qualquer competidor, cavando buracos, preparando emboscadas, torcendo para que venhamos a tropeçar e cair. Os trunfos que ajudam os vencedores a superar a concorrência e emergir triunfantes da batalha impiedosa são de muitos tipos, variando da autoconfiança ruidosa à humilde auto-aniquilação. E, no entanto, independente do estratagema empregado, dos trunfos dos sobreviventes e das deficiências dos perdedores, a história da sobrevivência tende a se desenvolver da mesma e monótona maneira (...) Se você não for mais duro e menos escrupuloso do que todos os outros, será aniquilado por eles, com ou sem remorso. Estamos de volta à triste verdade do mundo darwiniano: é o mais apto que

invariavelmente sobrevive. Ou melhor, a sobrevivência é a derradeira prova de aptidão (p. 110).

Luiz Alexandre Solano Rossi

* Bolsista de Pós-Doutoramento do CNPq, atua em programa de Pós-Doutoramento, sob supervisão do prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari, no Núcleo de Estudos Estratégicos da UNICAMP, com apoio, também, do Centro de Pensamento Antigo da UNICAMP. É professor no CESUMAR – Centro Universitário de Maringá (luizalexandre@cesumar.br)

Bibliografia

ALONSO SCHOKEL, L. e SICRE DÍAZ, J.L. *Profetas II*. São Paulo: Paulinas, 1991.

BAUMANN, Z. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

SICRE, J.L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990.

VVAA. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

WATTS, J.D. W. *Obadiah*. Indiana: Alpha Publications, 1981.

WOLFF, H.W. *Obadiah and Jonah*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1986.